

PROCRIAÇÕES ARTIFICIAL: TÉCNICA E ÉTICA X PARADIGMA DO MERCADO CAPITALISTA

Cristiane Beuren Vasconcelos

EMENTA

INTRODUÇÃO. 1. Identificação do problema. 1.1 As faces da ciência no espaço temporal. 1.2 Ciência e técnica na ótica Heideggeriana. 2. A techne. 2.1 A razão instrumental e o cientificismo. 2.2 A essência da técnica na ótica de Heidegger. 3. A ética. 3.1 A ética Aristotélica. 3.2 A ética na espacialidade normativa x materialismo. 3.3 O conteúdo material da ética. 4. Técnica e ética x o paradigma do mercado capitalista. CONCLUSÃO. BIBLIOGRAFIA.

INTRODUÇÃO

Temos convivido nos últimos tempos com uma ciência prodigiosa em descobertas desenvolvimentistas. Desde a revolução industrial, todas as áreas do conhecimento humano já foram influenciadas por ela. Embora inúmeros convencionalismos dela oriundos já tenham sido naturalizados e absorvidos pela sociedade, sua concepção, na Antigüidade, é muito discrepante desta com que convivemos em tempos atuais. De fato, ao ser analisada em nosso tempo percebemos que a ciência que se nos apresenta como pura tecnologia, antigamente comportava uma dupla e bem nítida divisão: ciência e técnica.

Enquanto a primeira era de caráter teórico e contemplativo, não interferia na realidade concreta das coisas, pertencia aos filósofos e cientistas encerrados em seus pequenos laboratórios domésticos – donde vez que outra, anunciavam à sociedade uma nova descoberta – a segunda (técnica) era praticamente nula neste contexto, pois enquanto relegada ao campo de atuação do trabalho escravo, continha pouca ou nenhuma peculiaridade divorciada do modo manual ou artesanal de execução.

No trabalho que nos propomos a desenvolver entendemos importante, com base nos avanços tecnológicos atualmente vivenciados pelo homem, traçarmos um esboço histórico de três elementos essenciais envolvidos no padrão científico temporal: a ciência em si, a técnica e a ética.

Primeiramente, cumpre-nos diferenciar a ciência da técnica, para o que utilizaremos o ponto de vista Heideggeriano crítico na elaboração desta construção. Em seguida, fulcrados nos argumentos da jurista Marilena Chauí, abordaremos o perigo representado pela razão instrumental cientificista no exercício indiscriminado da ciência. No concernente à “técnica”, faremos uma incursão acerca de sua natureza epistemológica para então tratarmos do perigo da razão instrumental cientificista que funde ciência e técnica no intuito de iludir a sociedade acerca da existência de uma neutralidade científica. Heidegger aqui novamente nos ilumina ao apontar que não é a técnica enquanto instrumento que nos revela verdadeiro perigo, mas sim a sua essência, consistente não mais num mero desvelamento da vocação das coisas, mas na pro-vocação da natureza e sua intimação para produzir, de acordo e em obediência à razão humana.

Para isso importa-nos sobremaneira a análise de outro instrumento, capaz de balizar os atos humanos, qual seja, a consciência moral e ética. Para tanto lançaremos mão de sua análise dentro do paradigma Aristotélico do ser e por um dos sub-paradigmas que o representam, qual seja, o da razão prática. A seguir, entendemos importante delinear seu significado dentro do ordenamento jurídico, levando em consideração o materialismo que sobeja a técnica em detrimento da ética, como instrumento hábil gerador de novas formas de exclusão social.

A ciência e a tecnologia representam força emancipadora de elevado potencial sempre que seus progressos exprimem desenvolvimento ou desvelam horizontes ao domínio do homem sobre a natureza e a própria sociedade. Nesses termos é que veremos que a ciência com a qual convivemos diuturnamente, resultado daquilo que consideramos produto do avanço tecnológico pode estar levando a humanidade a deparar-se com a mais grave crise até então enfrentada: a crise de identidade.

Sob a ótica do Paradigma da Vida Concreta, o filósofo crítico Enrique Dussel pontifica que o conteúdo material da ética é a vida humana, motivo porque deve-se procurar defender sempre a dignidade violada das vítimas, oprimidos ou excluídos, pois vê nessa violação, a própria negação da razão.

Ao contrapormos técnica e ética ao paradigma do mercado capitalista, verificamos nitidamente a dificuldade de se sobrepor valores morais frente ao capital. Neste, nem sempre os meios empregados na busca por resultados satisfatórios, são os mais viáveis. Torna-se difícil coibir os abusos derivados do mau emprego do progresso tecnológico por conta do capitalismo dominante, globalizado, que busca a dominação da maioria pelo valor do dinheiro. Que

suplanta a dignidade do homem, ou pelo menos não a reconhece, ao atribuir preço e tornar venal sua própria vida. Que deturpa a ética, companheira fiel do homem e do direito, que deveria acompanhá-los em sua caminhada da existência e projetar-se em sua personalidade como elemento forte e autônomo frente aos abusos e atentados contra a humanidade.

.....
"Talvez que com o tempo, descubrais tudo aquilo que se pode descobrir, e contudo, o vosso progresso não será mais do que uma progressão, deixando a humanidade cada vez mais para trás. A distância entre vós e ela pode, um dia, tornar-se tão profunda que o vosso grito de triunfo diante de alguma nova conquista poderia receber como resposta um grito universal de pavor."

(BERTOLT BRECHT)[1]

1. Identificação do problema

A partir deste pensamento, que julgamos tão profundo quando interpretado à luz do tema que nos propomos a trabalhar, é que iniciamos esta curta viagem direcionada a algumas considerações críticas envolvendo a área das ciências biomédicas, especificamente ao seu progresso, e sublinhadamente à questão da manipulação e descarte de embriões humanos sob o fundamento "suficiente" do incentivo humano ao alvorecer de uma nova ciência médica, que desponta pela descoberta, na contemporaneidade, de uma nova faceta: a biotecnologia.

A descendência humana que sempre fora determinada pelo fatalismo biológico da reprodução, fruto ocasional de um ato íntimo do casal, no paradigma cultural da modernidade cedeu espaço à dominação da natureza pela tecnociência. Fomos introduzidos às técnicas de inseminação artificial, fertilização "in vitro", eugenia, projeto genoma[2] humano, clonagem. As descobertas da nova fisiologia da reprodução que permitem separar a atividade sexual do fenômeno procriativo, possibilitam a materialização de qualquer projeto parental - em seus menores detalhes - no âmbito do consultório médico, entre profissional e interessados. Na busca do super-homem (projeto do homem ideal) estimula-se o aborto eugênico (eugenia negativa), acolhe-se a vida do embrião sob certas condições, recusando-se-lhe a limitação e a enfermidade. Atendendo-se desejos egoísticos, os pais escolhem as características do futuro bebê. Suprimem-se as expectativas pela certeza do resultado, o qual, sendo objeto de cláusula contratual inculca responsabilidade ao profissional contratado. Estaríamos na área do instituto jurídico da compra e venda não fosse o objeto desse contrato a produção e destino de uma vida humana!

Não obstante, por detrás das maravilhas descobertas pela Engenharia Genética, existe também o outro lado, face obscura propositadamente ocultada pelos laboratórios, clínicas e demais canais de informação, onde se encontram os embriões excedentes, as falhas técnicas e os fetos grotescos também resultado destas manipulações. E é exatamente em torno destes resultados menos glamourosos que a reflexão se faz necessária.

1.1 As faces da ciência no espaço temporal

Enquanto a ciência antiga, de caráter eminentemente teórico e contemplativo, não interferia na natureza das coisas e dos seres, a técnica tampouco fazia insurgir sua relevância, vez que no contexto social escravista, relegava-se a consecução de tarefas aos escravos. Os cientistas trabalhavam em seus laboratórios, mantidos com recursos próprios ou de subsídios provenientes da nobreza e burguesia abastada cujo interesse repousava quase que exclusivamente na fama que alguma descoberta pudesse lhes render, enquanto patrocinadores ou colaboradores do seu resultado.

Já na ciência moderna com a ascensão da burguesia e a mudança do modelo de produção do mercado para o incentivo ao acúmulo de capital, a ordem de agir do homo faber - que manipula a natureza de forma a dela obter bens que a mesma não lhe oferece espontaneamente - é que passou a ter importância. Nesta sociedade (sécs. XVI-XVII) pensadores como Galileu Galilei e Francis Bacon introduziram uma nova concepção de ciência, pensada a partir de uma interação com a técnica, considerando esta como corolário necessário e imprescindível daquela, aliando a teoria à prática, apesar dos diferentes níveis de adiantamento entre uma e outra.

Na contemporaneidade os cientistas trabalham coletivamente, em equipes, encerrados em grandes laboratórios financiados por um sistema conhecido por complexo industrial militar que abrange ora Estado, ora empresas privadas e ora ambos. A competição interna entre equipes é fomentada pela imediatidade de resultados (demandados pela indústria) coroando-se o êxito de seus membros com a ascensão profissional.

Não obstante a disparidade aparente entre a ciência de ontem e a de hoje, em ambos os casos

ela sempre utilizou a imagem ideológica para “consolidar a da neutralidade científica, dissimulando a verdadeira origem e objetivo da maioria destas pesquisas destinadas a controlar a Natureza e a sociedade segundo interesses de grupos”.[\[3\]](#)

No contexto em que atualmente nos inserimos, os avanços tecnológicos são de tal forma exponenciais que chegam a direcionar e até ditar o futuro da economia em âmbito mundial. Os avanços mais significativos têm-se dado no setor biotecnológico.

Jacques Testart que veio ao Brasil participar do Fórum Social Mundial, realizado em Janeiro de 2001 na cidade de Porto Alegre, alerta que, atualmente, “não é possível fazer ciência independente. Hoje não existe mais a ciência, mas algo que se deve denominar de ‘tecnociência’, porque toda pesquisa é uma experimentação permanente, alimentada pelo mercado e pela mistificação do progresso”.[\[4\]](#)

1.2 Ciência e técnica na ótica heideggeriana

Heidegger é um dos filósofos que critica severamente a evolução da ciência e da técnica na contemporaneidade, questionando seus valores e pressupostos, posto que os mesmos refletem apenas os interesses de uma determinada parcela social face do todo a ser considerado, qual seja, o da sociedade industrial. É ele que afirma polemicamente que; “A ciência não pensa”.

Parafrazeando o filósofo, afirma Danilo Marcondes; “A ciência e sua aplicação técnica seriam incapazes de pensar o ser, de pensá-lo fora da problemática do conhecimento e da consideração instrumental e operacional da realidade típicos do mundo técnico. Na verdade, o desenvolvimento de nosso modelo técnico e industrial é consequência precisamente do ‘esquecimento do ser’ na trajetória da cultura ocidental”.[\[5\]](#)

A questão técnica e sua essência serão retomadas de forma mais amíúde nos capítulos seguintes.

2. A techne

A palavra técnica provém do termo grego “techne”, enquanto seu correspondente latino é o termo “ars”, para nós, arte. Técnica significa aquilo que se submete a ordens ou toda espécie de atividade humana que se submete a regras. Em sentido amplo quer dizer habilidade, destreza, agilidade; enquanto que em sentido mais restrito significa instrumento, ofício, ciência. Opõe-se, na esfera semântica, ao acaso, ao espontâneo e ao natural.

Poderia ser generalizadamente definida como a soma das regras utilizadas na consecução de uma atividade humana qualquer.

Aristóteles classificou as artes ou técnicas como atividades de fabricação. Não obstante, deve-se a Plotino sua caracterização mais específica, ao distinguir as técnicas ou artes de auxílio à Natureza (medicina, agricultura) daquelas cujo objetivo repousa na fabricação de algo a partir dos materiais disponíveis na Natureza; e outras que diriam respeito tão somente às condições de melhoria humana sem relacionamento com a Natureza (como a música a retórica, etc).[\[6\]](#)

Com o desenvolvimento do capitalismo e a consequente introdução do elemento “trabalho” como valor, as artes mecânicas elevaram-se à condição de conhecimento.

A partir do Século XVIII a “arte” dissociou-se da “técnica”, correspondendo as primeiras às atividades criadoras ou inspiradoras, cujo fim é o belo (daí o surgimento das “belas artes”), enquanto que as segundas passaram a dizer respeito à “iluminação interior e espiritual misteriosa que leva o gênio a criar”.[\[7\]](#)

O final do século XIX lhes inaugura uma nova ótica, passando as artes a refletir a transfiguração do visível, do sonoro, do movimento, da linguagem e dos gestos em obras artísticas, enquanto a técnica passou a ser referida como instrumento utilizado à sua consecução (o pintor depende de instrumentos materiais para retratar ou dar forma à sua arte; da mesma forma o escritor, o construtor, o escultor, etc.).

Não obstante, a revolução industrial, marco precursor do desenvolvimento tecnológico fez com que os dois termos voltassem a conviver muito próximos novamente, sendo em muitos casos difícil entrever a linha divisória entre arte e técnica, por ser tênue demais.

2.1 A razão instrumental do cientificismo

Diferentemente dos cientistas, que encaram a ciência pelo prisma do trabalho do conhecimento, o “senso comum cientificista”, que constitui verdadeiro perigo, baseia-se na “ideologia” e na “mitologia da ciência”.[\[8\]](#) A primeira delas equivale à crença de que o progresso da técnica desvelará totalmente a realidade, capacitando ilimitadamente sua manipulação pela atividade humana. A segunda crê numa ciência onipotente e dogmática com poderes ilimitados sobre as coisas e a própria humanidade. O ponto comum está em que ambas são guiadas pela lógica de resultados, que reconhece que existem na sociedade aqueles que detêm o conhecimento versus os ignorantes dele, onde os primeiros dirigem e comandam

e os segundos que executam as ordens e são dominados.

A razão instrumental cientificista surge quando o homem (sujeito do conhecimento) decide que o seu conhecimento depende do domínio, controle e exploração da Natureza e dos seres humanos. É a "natureza atormentada" a que se referia Francis Bacon, no início do século XVII, quando divagava acerca do objeto do conhecimento científico.

Na feliz colocação de Marilena Chauí:

"Atormentar a natureza é fazê-la reagir a condições artificiais, criadas pelo homem. O laboratório científico é a maneira paradigmática de efetuar esse tormento, pois, nele, plantas, animais, líquidos, gases, etc. são submetidos a condições de investigação totalmente diversas das naturais, de maneira a fazer com que a experimentação supere a experiência, descobrindo formas, causas, efeitos que não poderiam ser conhecidos se contássemos apenas com a atividade espontânea da Natureza. Atormentar a Natureza é conhecer seus segredos para dominá-la e transformá-la".[9]

É assim que observamos, paulatinamente, a transformação de uma ciência em senso comum cientificista, a ideologia contida na própria ciência serve de instrumento de dominação, controle e poder social e da natureza, além do que, tanto o progresso técnico como a neutralidade científica são idéias pertencentes ao campo da ideologia cientificista.[10]

2.2 A ESSÊNCIA DA TÉCNICA NA ÓTICA de Heidegger

Heidegger qualifica a era da técnica moderna como desenraizadora do homem, transformadora do mundo num "não mundo", num prelúdio do fim que está apenas começando.[11]

Não obstante, ressalva nem sempre ter sido esta a sua conotação, já que na Grécia antiga o termo *technê* traduzia tanto o conjunto das criações artísticas manuais como as aptidões naturais e adquiridas.

É na modernidade que este contexto sofre mudanças passando a técnica a ser utilizada para interferir e manipular a natureza de forma a "pro-vocá-la". E exemplifica: "... o trabalho do camponês não pro-voca a terra cultivável. Quando ele lança a semente à terra, confia a sementeira às forças de crescimento e vela pela sua prosperidade"[12]. Diferentemente, a essência da técnica moderna "chama a natureza à razão, notifica-a a produzir as suas razões, submete-a à razão para que ela produza" e, sob o seu império "tudo pode tomar o lugar de tudo", o "ser, hoje, é ser substituído" (o desenvolvimento deste modelo técnico e industrial se deve à cultura ocidental)[13]. A *Gestell*[14] que realiza o fim da metafísica, afasta o "destino" de sua meta e transforma "o desvelamento do ser (...) em seu esquecimento".[15]

Seu perigo fundamental reside na assunção pelo homem de um poder capaz de fazê-lo subjugar a Natureza à sua vontade fundamentado num suposto "imperativo de progresso". Por conta deste, o homem se auto-atribui o poder e em nome dele institui a si próprio como o "senhor da terra". E adverte quanto ao perigo desta redução de tudo à razão: "quanto maior é o desafio à natureza, maior é o desafio ao qual está submetido o próprio homem".[16]

Assim, para o filósofo, ilusória é a consideração de que a técnica em sua essência seria um meio oferecido aos nossos fins. Ela na verdade espelha a correspondência humana ao apelo da exploração consumista. O homem torna-se seu brinquedo dela, a menos que pretenda renunciar ao próprio progresso, o que dificilmente deflagra-se provável.

Não é na "bomba atômica" que reside o verdadeiro perigo, mas na falta de limites na "pro-vocação" da Natureza das coisas, que mantém, sob estado de latência, os verdadeiros atentados contra a espécie.

Mas então, qual seria o caminho a tomar? O próprio Heidegger desconhece ou aponta uma possível fórmula capaz de modificar o atual estado do mundo.

3. A ética

É sabido que os costumes acompanham nossa civilização desde o início dos tempos, atribuindo os sacerdotes, aos deuses, a sua implantação na espécie humana.

A palavra costume na língua grega corresponde ao termo *ethos* (donde derivou entre nós a palavra ética); seu correspondente em latim é o termo *mores* (que para nós originou a palavra moral). Segundo Marilena Chauí "ética e moral referem-se ao conjunto de costumes tradicionais de uma sociedade e que, como tais, são considerados valores e obrigações para a conduta de seus membros".[17]

No entanto, conforme informa-nos a mesma autora, na língua grega existem duas vogais para grafar e pronunciar a nossa vogal "e", uma breve, chamada epsilon e outra longa, chamada eta. De sorte que *Ethos*, escrita com a vogal longa, significa costume; e, com a vogal breve significa caráter, índole natural, temperamento, representando o todo de atribuições - físico e psíquico - inerentes ao indivíduo. Assim, neste último sentido, *ethos* diz com "as características

individuais de cada um que determinam quais virtudes e quais vícios cada um é capaz de praticar. Referem-se, portanto, ao senso moral e à consciência ética individuais”.[\[18\]](#)

3.1 A ÉTICA ARISTOTÉLICA

Enquanto devemos a Sócrates a preocupação no concernente aos conceitos de virtude e bem, dando-se assim, início à filosofia moral, Aristóteles instituiu a distinção, dentro da realidade, entre saber teórico – consistente no estudo da natureza em tudo o que nela existe e age independentemente da vontade e sem a interferência humanas – e saber prático (incluindo aqui a ética e a política), cujo estudo parte das conseqüências da interferência humana sobre esta mesma natureza. O saber prático, por sua vez, subdivide-se ainda em práxis e técnica.

A ética diz com a práxis, que considera na unicidade do agente a ação e a sua finalidade; contrariamente à técnica, onde tanto o agente como a atividade e finalidade por ele desempenhadas, são reciprocamente independentes. É portanto, no modo de relação do agente com a ação e sua finalidade que diferem estes dois termos.

O filósofo dedicou-se ao estudo da virtude (areté), fundado na premissa de que o objetivo de todo ser humano é atingir o grau mais elevado de felicidade. E este bem consiste na atividade da alma de acordo com a virtude. É autor da famosa tese de que a virtude está exatamente na consideração de um meio termo entre o excesso e a falta[\[19\]](#). Nas palavras de Danilo Marcondes que bem soube contextualizar a idéia do autor: “o homem virtuoso deve assim conhecer o ponto médio, a justa medida das coisas, e agir de forma equilibrada de acordo com a prudência ou moderação (sophrosine), que pode ser entendida como a própria caracterização do saber prático”.[\[20\]](#)

Aristóteles classifica as virtudes em dianoéticas, quando seu aprendizado pode ser conquistado pelo estudo e pela leitura; e, éticas ou morais, quando seu aprendizado depende de sua vivência prática.[\[21\]](#)

Eis aqui as principais características do saber ético Aristotélico contraposto à técnica, apontadas por Gadamer:[\[22\]](#)

1) A tekne é um saber objetivo, que pode ser aprendida e esquecida, o que ocorre com o saber ético, vez que diante de um confronto com ele não temos a escolha por sua apropriação. A ética presume uma pré-cognição[\[23\]](#) e, diante do fato concreto, exige-nos a exteriorização de uma atitude prática diante do caso concreto.

Mesmo aquele justo previsto na lei – consistente em padrões normativos vigentes numa determinada sociedade e espaço temporal – ao ser trasladado para uma circunstância concreta necessita temperamentos. Por esse motivo, não se pode falar aqui em técnica ou arte (conhecimento técnico). É a phronesis grega (prudência) que o filósofo se reporta, ou seja, a virtude que encontra a “justa norma”, aplicando-a às ações particulares. Quando o juiz “aplica” o direito, pode ver-se obrigado a fazer concessões “em face da lei”, não deixando por isso de fazer justiça, pelo contrário, ao aperfeiçoar a interpretação da norma, encontra um “direito melhor”.[\[24\]](#)

Não existem assim, conceitos morais arbitrários pré-selecionados, tudo depende da moral social contida em determinado contexto histórico, geográfico e temporal que são capazes de reproduzir uma “natureza das coisas”. A sua interpretação, não obstante, também depende da interpretação que a consciência moral faz dela.

2) O saber técnico é sempre particular e serve a fins particulares enquanto que o saber ético extrapola este âmbito, afetando o “viver corretamente, no seu todo”. Enquanto não faz sentido que o saber técnico busque conselhos consigo mesmo acerca daquilo que lhe dá validade enquanto saber, o saber ético requer sempre esta atitude. Isto porque o objetivo que guia nossas vidas e pelo qual pautamos nossos atos não estar apreensível como algo “ensinável”. Potencializando-se o justo meio como guia comportamental dependemos ainda dos estímulos momentâneos e particulares de cada situação para obtermos então uma resposta do nosso “saber ético”.[\[25\]](#)

3) O saber ético pressupõe uma capacidade de julgar de forma reta e equitativa (penetração de espírito) aliada a uma certa tolerância. Baseia-se fundamentalmente em questões de consciência. A pessoa procurada a dar um conselho normalmente mantém uma relação de amizade com o aconselhado. Nessa premissa encontra-se fulcrada a validade da mensagem. Com base nesta postura é que admira-se o conselheiro que consegue demonstrar sua empatia na situação concreta. Aparece aqui, concomitante com a figura da “ponderação reflexiva”, na visão gadameriana, o “entendimento”.

3.2 Ética na espacialidade normativa x materialismo

Uma breve incursão no mundo jurídico se faz necessária para que possamos melhor

compreender as considerações a serem expostas no último capítulo do nosso trabalho. Eis aqui outro contexto em que ética toma espaço de extrema relevância. Na verdade, ela apresenta-se como possível solução até mesmo na quebra do paradigma político do Estado, tomado em seu contexto mundial. Esse Estado globalizado oriundo da revolução industrial, do sobejo da técnica em detrimento da ética, onde o capitalismo (extremamente materialista) é pregado como corolário da igualdade: "(i) gera novos tipos de exclusão social (em função de raça, nacionalidade, religião ou outro sinal distintivo); (ii) instala contínua e crescente competição entre os indivíduos; (iii) conduz à destruição do serviço público, (enfim)... compromete a liberdade".[26]

Eros Roberto Grau ao denunciar a crise gerada pela desestruturação do Estado Moderno, aponta a falta de ética como uma de suas principais causas. E apela para o senso comum dos juristas no sentido de que resgatem em seus trabalhos considerações acerca da "ética na lei",[27] de forma que este novo aspecto acompanhe correlata e concomitantemente a técnica legislativa. Isto é necessário porque "a modernidade opera uma cisão entre a 'felicidade' (objetivo da ética) e o 'bem'".[28]

Defende a incursão de princípios (os direitos pressupostos) – como representantes da ética – no conteúdo das formas jurídicas, de modo a buscar uma justiça mais efetiva, superando os excessos cometidos por conta daqueles que, conclamando para si nobres qualidades, descumram propositadamente dos princípios informativos da lei (como a legalidade, a universalidade e o devido processo) em prol dos seus próprios interesses.

É da fragilidade humana a tendência para crimes ecológicos por conta da ganância do lucro fácil ou do aumento do poder militar, político ou econômico das nações do Primeiro Mundo.

Sem o entrelaçamento da Ética com o Direito é impossível salvar a coexistência do homem e da natureza, uma vez que temos pela frente o terrível poder do Estado, das multinacionais e da "mídia".

3.3 O CONTEÚDO MATERIAL DA ÉTICA

A virtude ética tem como imperativo categórico "fazer o bem". Vimos em Aristóteles que assim como não é possível ser virtuoso sem a prudência, tampouco é possível ser prudente sem considerarmos a virtude ética.

Enrique Dussel, filósofo crítico, preleciona que a ética tem por conteúdo a vida humana. Esta ética, de cunho material, se afirma em defesa da dignidade negada da vida das vítimas, dos oprimidos ou dos excluídos. Prima pela dignidade absoluta da vida humana contrariando a injustiça ou perversidade, que determinam a existência negativa dessas vítimas, conclamando a consciência ética auto-responsável a atuar corretivamente em momentos críticos, dependendo para isso, da própria razão.[29]

4. TÉCNICA E ÉTICA em confronto com o PARADIGMA DO MERCADO CAPITALISTA

De nada adianta o desenvolvimento dos temas "técnica" e "ética" sem levarmos em consideração o contexto social (e por que não dizer mundial) em que os indivíduos que deles se valem encontram-se inseridos. É aqui aonde chegamos ao ponto crucial de nossas divagações. O intento agora é analisar criticamente a aplicabilidade daqueles conceitos no âmbito do mercado, cujo modo de produção e reprodução é o capitalista, e, onde, apesar de "abstrato e perverso: o capital é condição a priori absoluta do cumprimento do fim ético (a felicidade)".[30]

Há aproximadamente meio século que estamos vivenciando avanços gigantescos na esfera do conhecimento biológico tecnológico. A partir da desmistificação do recôndito sagrado do mistério da vida humana, até a possibilidade de seqüencializar, copiar e alterar o código genético das espécies, penetrar no arcabouço complexíssimo das ações e reações químico-biológicas desencadeadas no interior dos organismos, dissecar e demonstrar cientificamente, *pari passu*, as minimalíssimas progressões e etapas deflagradas pela provocação dos processos biológicos das mais diversas naturezas; tudo isso e muito mais fizeram com que o homem sentisse um poder nunca antes experimentado. Ele provou inelutavelmente ter conquistado o domínio sobre si próprio.

Não obstante, quanto mais o homem desvela ao mundo suas descobertas mais entrega a ele a possibilidade das mais diversas formas de exploração do seu conhecimento. Até porque a teoria científica é assim mesmo, tanto pode nascer para dar resposta a um problema prático ou técnico, como "pode ir avançando para descobertas de fenômenos e relações que já não possuem relação direta com os problemas práticos iniciais. (...) Muitas vezes, aliás, o cientista sequer imagina que a teoria terá aplicação prática".[31]

As pesquisas científicas, na ciência da atualidade, passaram a fazer parte das forças produtivas

da sociedade, ou seja, da economia. E elas atuam hoje, como agentes econômicos e políticos. O problema efetivamente surge quando o poder econômico atua de forma incidente e indiscriminada sobre todos os projetos. Aqui o perigo convive com a coisificação do homem e a banalização da espécie, pois o dinheiro não conhece escrúpulos ou limites na consecução do seu fim, não conhece "dignidade".

Contra isso alerta KANT: "no reino dos fins tudo tem ou um preço ou uma dignidade. Quando uma coisa tem um preço pode pôr-se em vez dela qualquer coisa como equivalente, mas quando uma coisa está acima de todo o preço, e portanto não admite equivalente, então tem ela dignidade ..."[32]. Adjetivo único e insubstituível da pessoa humana, a dignidade é fim e não meio, repudiando toda e qualquer coisificação e instrumentalização do ser humano.

Enquanto na proposta da modernidade havia uma construção ética de sujeito, hoje, inversamente, há o predomínio de uma racionalidade estritamente técnica ou objetiva sobre o conceito. Afirma Jean Ladrière: "quando se começa a tratar o homem segundo os critérios de realidade 'objectiva' [...] transforma-se, efectivamente o ser humano em objecto e, por consequência, suprime-se-o enquanto ser humano".[33]

Por trás da aplicação indiscriminada dos avanços da ciência não está efetivamente o interesse da humanidade, mas dos grandes laboratórios farmacêuticos, indústrias de medicamentos ou o poderio militar ávidos pelo lucro espetacular que a exploração biotecnológica lhes possibilita[34].

E é verdade que existe uma total incompatibilidade entre a consciência ética e a impaciência econômica.

A prosperidade dos complexos militares-industriais faz com que o setor público e o setor privado concorram ardorosamente pela conquista do conhecimento. Foi assim com o já lançado Projeto Genoma Humano (iniciado em 1990), onde um consórcio científico internacional entre países vivenciou uma acirrada competição paralela com uma empresa da esfera privada. Durante o projeto, cujo escopo destinava-se ao mapeamento completo das seqüências de DNA humano, já se falava na conquista da possibilidade do indivíduo portar sua própria "carteira biológica", onde estariam contidas todas as informações biológicas e estruturais do seu organismo: síndromes, tendências a moléstias e enfermidades e até mesmo a idade provável do seu surgimento.

Teria ela grande utilidade no mercado de trabalho, pois possibilitaria: às empresas antever quem melhor se enquadraria no seu quadro de pessoal, às seguradoras com quem seria vantajoso fazer contrato de seguro, e assim por diante. Mas, conjeturemos o caso daquele indivíduo que portasse uma maior propensão ao desenvolvimento de um câncer. Seguramente não conseguiria efetivar um contrato de seguro-saúde, pois não seria "interessante" para a companhia seguradora esse contratante (pois o contrato de seguro perderia seu caráter de aleatoriedade), tampouco uma estabilidade ou sequer possibilidade de colocação no mercado de trabalho, pois seria muito menos lucrativo comparado a um indivíduo "saudável". E se o câncer jamais viesse a se manifestar? Todos os indivíduos com mera probabilidade de desenvolvimento de doenças estariam alijados do mercado de trabalho? Surgiria a classe dos "eleitos" pela natureza e dos inevitavelmente condenados por ela? Não estaria o homem muito próximo de ver o alvorecer de uma nova espécie de discriminação, muito mais cruel que a racial, de sexo ou religião?

Diz Lucién Sève: "A competição por altas taxas de lucro tornou-se encarniçada: tendo deixado de se poder considerar a possibilidade de uma nova guerra mundial, é a guerra econômica generalizada que se anuncia. Nesta guerra o progresso tecnocientífico civil e militar assegura a quem se mete na corrida, à cabeça, a dominação dos mercados com enormes lucros suplementares".[35]

Estamos diante do ressurgimento da doutrina utilitarista, cuja fórmula consiste na "maior felicidade do maior número", onde, não obstante, o capital representa condição preliminar absoluta deste "fim ético" almejado. Mas será que o que é bom para um é bom para todos? Tendo em vista que a fórmula deve levar em consideração as necessidades de todos os participantes do mercado de consumo e, considerando as atuais dificuldades enfrentadas por este espaço – vez que existe uma grande parcela social que sequer participa dele (pois não "produz" o necessário à sua própria subsistência) – chegamos à conclusão que a lógica utilitarista é uma lógica de exclusão.

Na conquista do objetivo almejado pela ótica utilitarista, diz Dussel, "simplifica-se ao máximo a ordem ética para poder controlar racionalmente a estratégia militar, o business econômico e político, internos e coloniais. O 'eu (self)' objetiviza o sistema e se 'distancia (disengagement)'

dele para poder dominá-lo com maior eficácia. Trata-se de um exercício abstrato da razão instrumental".[36]

O perigo da soberba segurança do homem pela detenção do poder é que o mesmo, em determinado momento, acarretará a supressão da sua própria construção subjetiva, nas palavras de Michel Henry: "implicando a destruição prática da humanidade, ou, pelo menos tornando-a possível"[37].

CONCLUSÃO

O fato de a ciência ter assumido um novo caráter diante da sociedade contemporânea tornando-se um importante agente econômico dentro dela, fez com que o interesse político também aumentasse na proporção do seu desenvolvimento.

Deixou de ser monopólio de investimento exclusivo do setor privado para dividir o terreno de interesse em investimentos com a própria esfera estatal. O motivo? Excelente fonte de lucro.

A ciência deixou de representar a razão enquanto capacidade de conhecimento da realidade para basear-se na idéia de demonstração e prova, para tornar independentes o objeto de análise e o sujeito que o manipula. Os instrumentos da ciência deixaram de ser técnicos para serem tecnológicos. A tecnologia representa hoje o conjunto de conhecimentos, cristalizada em objetos materiais que interferem, manipulam até mesmo se autoconstroem e cuja finalidade já não mais consiste em auxiliar e facilitar a relação do homem com o mundo, mas em dominar e transformar esse mundo, detendo, para tanto, o pleno controle e precisão dos resultados.

Em confronto com aquela ciência desinteressada sobrevém outra, a ciência utilitarista afirmando que o seu valor está para a quantidade de aplicações práticas que ela propicia. Apesar do valor de ambas, há que se considerar que um desprestígio inicial das primeiras, já na Antigüidade, jamais teria proporcionado a descoberta de inúmeros fenômenos. No momento que se identifica a validade da ciência apenas pelo resultado de sua aplicação, corre-se o risco de se cair no cientificismo, confundindo-se ciência e técnica e iludindo-se com a neutralidade científica.

O cientificismo é característico da lógica utilitarista incidente no mercado capitalista. Ele desconhece a ética, mas conhece o dinheiro. Ele não conhece dignidade, mas conhece o preço. O grande perigo daquilo que Heidegger previu como a essência da técnica é que os meios não são mais balizados pela virtude ética, pois os fins é que realmente constituem objeto de verdadeiro interesse. É aqui que os conceitos de técnica e ética contrapostos à lógica do mercado sucumbem para dar lugar à tecnologia e ao capital, respectivamente. Fala-se na tecnociência, nas biotecnologias, na Engenharia Genética. Não mais se fala em direitos subjetivos do homem, mas em seus direitos enquanto consumidor.

Será que o mundo se resume nisso? O alcance da felicidade está efetivamente no exercício da razão instrumental cientificista?

Referimo-nos aos perigos que acompanham a pesquisa indiscriminada nos seres humanos. Como permitir pesquisas que sacrifiquem milhares de embriões em prol do avanço das técnicas de micromanipulação e melhoria genética? Onde estão o exercício da ética e a defesa dos tão propalados direitos humanos que a humanidade um dia considerou uma grande conquista?

As informações obtidas com pesquisas nesta área equivalem a verdadeiras minas de ouro no mercado de ações. Este mercado não conhece nenhum escrúpulo que não seja o lucro. Ele não se importa com o etiquetamento do valor da vida humana, desconsidera, pois, sua dignidade e a coisifica. Sacrifica a ética, a moral, pelo dinheiro.

A humanidade perde em segurança à medida que cede aos seus próprios egoísmos. O homem detendo o poder sobre si, já não mais o controla, tornou-se um instrumento dele e por ele encontra-se ameaçado de sucumbir.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. A Ética de Nicômaco. 5. ed. (trad. Cássio M. Fonseca). São Paulo: Atena Editora, s/d.

CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

DUSSEL, Enrique. Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 89-158.

GADAMER, Hans Georg. Verdade e Método - Traços fundamentais de uma hermenêutica Filosófica. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 459-482.

GRAU, Eros Roberto. O Direito Posto e o Direito Pressuposto. 3. ed. São Paulo: Malheiros, 2000.

HEIDEGGER, Martin. Introdução à Metafísica. 2. ed. (traduzido por Emmanuel Carneiro Leão). Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1969.

MARCONDES, Danilo. Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

REALE, Miguel. Filosofia do Direito. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

SARLET, Ingo Wolfgang. Dignidade da Pessoa Humana e Direitos Fundamentais na Constituição Federal de 1988. Porto Alegre: Livraria do advogado, 2001.

SÈVE, Lucien. Para uma crítica da razão bioética. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

Notas:

- [1] BRECHT, Bertolt, la Vie de Galilée, em Théâtre Complet, l'Arche 1959, T. 3, p. 110 (citado por Lucien Sève, Para uma crítica da razão bioética, 1997, p. 229).
- [2] Recurso humano que tem um lugar físico na estrutura físico-química do gene e é constituído pela informação (componente constitutivo da pessoa humana) que está nele depositada.
- [3] CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia, p. 280.
- [4] Conforme Grinbaum R. Para o biólogo francês, busca pelo novo transpõe ética. Folha de São Paulo, 2001, Jan. 28 Folha Brasil. Disponível em <http://www.uol.com.br/fsp/brasil/fc2801200143.htm>, acessado em 28 jan. 2001.
- [5] MARCONDES, Danilo. Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. p. 267.
- [6] CHAUI. M. Obra citada, p. 317.
- [7] CHAUI, M. Idem, p. 318.
- [8] CHAUI, M. Idem, p. 280-281.
- [9] Por estes motivos, exatamente, é que a autora entende ser mais escorreita a utilização do termo "tecnologia" ao invés de "técnica" para denominar o "saber teórico" aplicado na prática. A técnica em si consiste no conhecimento empírico – que, devidamente estudado e analisado – é construtor de um "conjunto de receitas práticas para agir sobre as coisas" (obra citada, p. 283).
- [10] CHAUI, M. Idem, p. 284.
- [11] SÈVE, Lucien. Para uma Crítica da Razão Bioética, p. 296.
- [12] SÈVE, L. Obra citada, p. 297.
- [13] MARCONDES, D. idem, ibidem.
- [14] Termo a que Lucien Sève considera intraduzível, mas que muito se aproxima, em francês, por chamada à razão (Obra citada p. 298).
- [15] SÈVE, L. Idem, p. 299.
- [16] SÈVE, L. Idem, ibidem.
- [17] CHAUI, M. Idem, p. 340.
- [18] CHAUI, M. Idem, ibidem.
- [19] Diz o filósofo: "(...) a virtude versa sobre os afetos e ações, nos quais o excesso é erro[sic] e a falta é censurada, porém o meio nêles[sic] se enquadra com justeza, e é louvado: e ambas estas duas condições são próprias da virtude. Em conclusão, a virtude é a certa medianidade, como a que ao meio dirige a sua mira.(...)É a virtude um hábito de propor-se o que consiste na medianidade para nós, determinada com a razão e como o homem sábio a determinaria. E é uma mediania entre dois vícios, um por excesso ew outro por falta: porque, enquanto dos vícios alguns faltam e outros excedem da medida conveniente, quer nos afetos quer nas ações, a virtude, ao invés, acha e escolhe o meio". Não obstante atenta para o fato de que este maio termo existe para aquilo que se deve considerar o "sumo bem". Aqueles atos ou afetos depraváveis, malévolos, injustos, deploráveis ou vis, este já constituem, por si só um excesso ou uma falta, e encerra: "Em suma, do excesso e da falta não há mediania; nem da mediania, excesso ou falta"(Aristóteles, A Ética de Nicômaco, p. 62-63).
- [20] MARCONDES, D. Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein, p. 76-77.
- [21] Como é o caso da phronesis (jurisprudência), que encontra a "justa norma" aplicando-a às ações particulares (EN, p. 93), consistindo num "operar consciente" (EM, p. 95).
- [22] GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica, p. 472-482.
- [23] Apesar de reconhecermos o caráter genuinamente subjetivo desses julgamentos, pois que a interpretação de justiça, decência, dignidade, coragem, solidariedade, etc., contrariamente a um padrão fixo, sofrem grande variabilidade conceitual.

- [24] Aqui entra a importância da equidade (epieikeia), considerada por Aristóteles a própria correção da lei (GADAMER, H.G. Obra citada, p. 473).
- [25] Elucida GADAMER: "O contrário da visão do correto não é o erro nem o engano, mas a cegueira. Quem está dominado por suas paixões se depara de repente com o fato de que não é capaz de ver numa situação dada o que seria correto. Perdeu o controle de si mesmo e, por consequência, a retidão, ou seja, perdeu o estar corretamente orientado em si mesmo, de modo que, desgovernado em seu interior pela dialética da paixão, parece-lhe correto o que a paixão lhe sugere" (Obra citada p. 479).
- [26] GRAU, Eros Roberto. O direito posto e o direito pressuposto, p. 81.
- [27] A expressão é de Eros Roberto Grau (obra citada, p. 78).
- [28] GRAU, E.R. Idem, ibidem.
- [29] DUSSEL, Enrique. Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão, p. 93, 107.
- [30] DUSSEL, E. Obra citada, p. 112.
- [31] CHAUI, M. Idem, p. 285.
- [32] Citado por Ingo Wolfgang Sarlet, in: Dignidade da pessoa humana, p. 33.
- [33] Citado por Lucién Sève, in: Para uma crítica da razão bioética, p. 233.
- [34] O setor sanitário é o que hoje desponta com maior vantagem nos ganhos efetivos sobre a produtividade (onde o lucro é investido maciçamente no mercado de ações e bolsas).
- [35] SÈVE, L. Idem, p. 364.
- [36] DUSSEL, E. Idem, p.109.
- [37] Michel Henry, citado por Lucién Sève, obra citada, p. 233.